

O GIRO EUROPEU DE JOÃO ANTÔNIO: RASTROS E ROTEIROS

Wagner Coriolano de Abreu

Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ

Resumo: O artigo busca reunir os rastros da primeira viagem de João Antônio à Europa, em 1985, ocasião em que participa do lançamento de uma antologia de autores brasileiros, da defesa de trabalho acadêmico sobre seu conto e circula por várias cidades da Alemanha como escritor visitante. Por meio da leitura de jornais e do conto “Amsterdam, ai”, propõe um roteiro da viagem a partir dos rastros deixados nos papéis de arquivo, no conto literário e anônimos. A narrativa se tece no entrecruzamento de ideias fragmentárias com o propósito de uma ordenação dos movimentos de João Antônio.

Palavras-chave: João Antônio; Conto brasileiro; Viagem; Papeis de Arquivo; Rastro.

Abstract: The article aims to trace João Antônio’s first travel to Europe, in 1985, occasion in which he participated in the release of an anthology of Brazilian authors, the defense of an academic work about his short narratives and several conferences on Brazilian literature. Through the reading of newspapers and the short story “Amsterdam, ai”, it seeks to establish the itinerary of the travel from the trails left in the archival papers, considering also his literature and anonymous documents. The narrative is constructed by the intersection of fragmentary ideas with the purpose of arranging João Antônio’s movements.

Keywords: João Antônio; Brazilian short story; Travel; Archive papers; Trail.

O rastro que abriu caminho para a primeira viagem de João Antônio à Europa aparece no texto da entrevista concedida ao jornal carioca *Letras & Artes*, de junho de 1987, quando “o escritor arruma novamente as malas para uma longa temporada na Alemanha” (GUIMARÃES, 1987: 4). Naquele ano, ele voltava de uma temporada em Havana, onde integrou a Comissão Julgadora do Prêmio Casa de las Américas, e estava com passagem marcada para retornar à Alemanha, convidado pela Universidade Livre

de Berlim Ocidental. Em resposta ao jornalista Carlos Lima, interessado nos gêneros musicais cubanos, João Antônio compara o choro brasileiro ao jazz, afirmando que a música brasileira pode ser tocada do fundo de quintal ao teatro de câmara: “Essa é a opinião que eu ouvia na Bélgica, na Holanda, Alemanha, Portugal e Cuba” (Idem, *ibidem*). Antes da viagem à Cuba, ele esteve nos países europeus, levado pela publicação e tradução de sua obra naquele continente. O referido jornal impresso, encontrado num estabelecimento comercial de cigarros e revistas, aparece aqui como porta de entrada para a descoberta da literatura de viagem de João Antônio, clássico do conto brasileiro nos anos sessenta.

A relação de João Antônio com a atividade de escritor itinerante inicia nos anos 1970, quando realiza um périplo pelo Brasil dando palestras e participando de debates com estudantes (JOÃO, 1977: 29). Segundo o autor, “o objetivo maior foi abrir caminho para outros escritores que quisessem participar da mesma briga”, como Ignácio de Loyola Brandão e Antônio Torres, com quem viajou várias vezes. Nos anos 1980, já escritor conhecido e viajante experiente, João Antônio incursiona por países estrangeiros, convidado a fazer conferências e a participar de encontros com público e leitores interessados na literatura brasileira.

O roteiro de viagem, que ora se apresenta como ordenação da vida por uma narração, tem por base rastros dentro e fora do arquivo literário de João Antônio.¹ Em extratos diversos, o escritor recolhe escritas, imagens e atmosferas da andança por países europeus, formando um conjunto de texturas vivenciais disperso, com uma incipiente inquietação da temporalidade e, por conseguinte, da posteridade (ARFUCH, 2009: 116). Dos papéis de arquivo, o texto da entrevista concedida para a jornalista Nevinha Pinheiro, no *Jornal do País*, ocupa posição axial na reconstituição do périplo do escritor, justamente pelo registro de passagens e situações sintetizadas e ordenadas, que reaparecem em diversos recortes de jornal, em resenhas e notas relacionadas ao itinerário feito. Em datas póstumas, se juntaram àquele espólio o depoimento de Ellen Spielmann, publicado em número temático da revista *Remate de Males* (1999), e o inventário de escritores brasileiros na Alemanha, publicado no livro *Brasil: país do*

¹ O arquivo literário de João Antônio se encontra no Acervo João Antônio, sob a guarda do CEDAP – Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – Unidade Auxiliar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Campus de Assis.

futuro? (2000), onde se encontra o nome de João Antônio, que tem a obra estudada em seis artigos.

Os primeiros vinte anos da literatura de João Antônio foram decisivos para o estabelecimento do malandro como personagem central de sua narrativa literária. De acordo com Fábio Lucas, a primeira imagem do escritor foi a de ter fixado em nossa literatura “personagens inesquecíveis da marginalidade social, os despossuídos, os que vivem de expedientes e espertezas, os prestadores de serviço que não ingressaram no mercado construído sobre a cobiça do lucro” (LUCAS, 1987:137). Tomada pela personagem do malandro, a obra de João Antônio fecha um circuito em torno de *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), *Leão-de-chácara* (1975a) e *Dedo-duro* (1982a), embora junto ao malandro concorra a personagem do menino, por dentro desses livros, abrindo vereda paralela aos estudos centrados na representação da marginalidade. O próprio João Antônio salientou a vereda do menino, reunindo no livro *Meninão do Caixote* (1983) quatro textos em torno desta figura, que ampliam o predominante horizonte da recepção até então.

Em meados dos anos 1980, desponta outra ambiência marcada de malandragem, decorrente da primeira viagem à Europa, levada a público por um texto com personagem ambulante numa cidade da Holanda. No conto “Amsterdã, ai”, observa Júlio Bastoni, “o autor-narrador trabalha com os sentidos do deslocamento espacial, da distância frente ao país de origem, e busca desfazer certo estranhamento que permanece sempre no pano de fundo e na consciência subjetiva” (SILVA, 2019: 290).

A etapa estrangeira do viajante João Antônio inicia por uma experiência europeia, marcada na obra ficcional pela narrativa “Amsterdã, ai”. O narrador se encontra na cidade holandesa, no bairro Zeedijk, morando próximo de uma senhora de 85 anos. A velha Nel se relaciona com os moradores de rua e viciados, tratando-os com afeto. Pela manhã, o narrador sai, a vagabundear pelo dia, descrevendo a cidade, os lugares e os tipos que encontra: “Então, eu te olho, cidade, como se olhasse uma mulher esguia” (ANTÔNIO, 1986: 185). Toma um café no bar marroquino e envolve-se com a vida da prostituição. No meio da narrativa, um parágrafo de muitas páginas aprofunda e detalha a vida vertiginosa dos transeuntes e moradores. Para Júlio Bastoni, o parágrafo “é um longo encadeamento de tipos e recantos urbanos de Amsterdã, ponto no qual se

dá uma espécie de localização ao mesmo tempo estranha e comum, pois se volta a tipos marginalizados que nada mais são que outras formas de subalternidade, já bem conhecidas do outro lado do Atlântico” (SILVA, 2019: 291).

Na sequência, a personagem volta a circular, agora de bonde, em bares e bordéis. Encontra-se com Odete, cearense, que movimenta um comércio de mulheres. Passa uma noite de convivência no bordel da contrterrânea. Reconta a história das brasileiras que sofreram perseguição e foram expatriadas. Na Casa Rosso, um porteiro de bordel (leão-de-chácara) foi despedido e incendiou o prédio. O conto termina, na madrugada, em frente à porta de Nel, onde a personagem assiste a uma cena da velha dando pão a um *junkey*.

Ainda na primeira metade dos anos 1980, João Antônio escreve o conto “Abraçado ao meu rancor”, que dará título ao livro homônimo, publicado em 1986; feito aos poucos, o livro inclui o texto com ambientação europeia. Ao jornalista Joel Silveira, o escritor informa que o “texto-título estava pronto em junho de 1982, quando Alfredo Bosi o leu pela primeira vez e escreveu meia dúzia de palavras sobre ele. Meia dúzia de palavras generosas” (SILVEIRA, 1986: n.p.). De junho de 1982 a agosto de 1984, quando abrem as inscrições do Prêmio Nacional de Literatura “Cidade de Belo Horizonte”, o escritor organiza o livro, reúne os textos inéditos em sua maior parte, com que concorre na categoria formas literárias de ficção (DECRETO nº 4739, de 2 de agosto de 1984).² Com os originais, sob o título *Abraçado ao Meu Rancor*, ganha o prêmio. A cerimônia de entrega do prêmio acontece em 12 de dezembro de 1984.

O livro ficou inédito até a edição de 1986, em decorrência de dúvidas do escritor quanto a seu plano. Em *A Posse da Terra* (1985), Cremilda Medina observa que João Antônio “cultiva acima de tudo a liberdade diante dos modelos apriorísticos. Por isso vive em dúvida sobre o projeto em andamento: ‘Abraçado ao meu rancor’. Não sabe quais as propostas dos livros anteriores que prosseguirão válidas” (MEDINA, 1985: 274). No intercurso depois de o livro ser premiado em Minas Gerais até ser lançado no mercado, em 1986, no finalzinho da Bienal do Livro no Ibirapuera (ANTÔNIO, 2004: 101), ocorre a viagem europeia de João Antônio e, posteriormente, o aparecimento do

² Por meio do Decreto nº 4739, de 2 de agosto de 1984, de Belo Horizonte/MG, foi aprovado o regulamento do Prêmio Nacional de Literatura “Cidade de Belo Horizonte”, para o exercício de 1984.

texto “Amsterdam, ai”, que será incluído junto à obra premiada. Pouco antes do lançamento, ele comenta o livro que estava no prelo: “Não se pode dizer que seja monolítico e nem sei se dá para catalogar em algum gênero. Será talvez um livro de narrativas. Tradicionalmente seria um livro de contos. [...] Vou de Amsterdam a São Paulo, passo do futebol aos Eguns” (GROPILLO, 1986: B-10).

Da leitura de dez contos do livro *Abraçado ao Meu Rancor*, José Paulo Paes tece as linhas gerais sobre a prosa de João Antônio para, em seguida, centrar sua análise no conto homônimo. De imediato, estabelece distinção entre texto e conto, afirmando que o escritor extrapola o gênero da literatura, na mistura de ficção e documento (PAES, 1990: 108). O crítico ressalta ainda a discussão que o narrador trava a respeito da complicada identidade de um escritor em face de exigências do mercado de escribes, que escrevem vendidos por interesses monetários, forcejando “por aparar as arestas da consciência crítica nacional e tornar as espinhas mais maleáveis do que nunca às intimidações do poder” (Idem: 109).

Tanto a crítica de José Paulo Paes como o prefácio, assinado por Alfredo Bosi, exploram com argúcia o conto homônimo “Abraçado ao meu rancor”, dando pouca atenção às distâncias geográficas e às temáticas anunciadas na síntese do escritor: “de Amsterdam a São Paulo”, “do futebol aos Eguns”. Todavia, se essa recepção passa ao largo da peça “Amsterdam, ai”, de raro poder de comunicação, ela não será a mesma na resenha que Fábio Lucas apresenta a uma revista portuguesa, onde estabelece algumas relações espaciais e destaca o fino acabamento do texto narrativo, assim como a equivalência entre a linguagem e a conduta das personagens (LUCAS, 1987: 138).

A primeira viagem para a Europa acontece no início de 1985. João Antônio viaja a fim de participar de diversas atividades literárias em cidades de Portugal, da Holanda e da Alemanha, numa estada europeia de setenta dias. Entrevistado após a viagem, “dá suas impressões dos três países visitados, diz o que pensa do momento brasileiro e fala de literatura” (PINHEIRO, 1985: n.p.). As observações trazidas foram registradas na entrevista de jornal, acompanhadas de uma nota inicial da jornalista Nevinha Pinheiro, que circunscreve o giro europeu a três lugares e seus respectivos anfitriões.

Na Universidade de Utrecht, João Antônio fala sobre seu processo criativo e também sobre a vida no Brasil. As impressões e ideias que compõem a matéria da

entrevista, publicada em julho de 1985, voltam a aparecer reelaboradas na criação ficcional do conto “Amsterdam, ai”. Ele adota uma estratégia de apropriação de registros feitos a partir da técnica jornalística, visando à criação de camadas de realidade vistas na rua, por meio de um tratamento textual que explora o limiar entre jornalismo e literatura. Esse processo criativo pressupõe a ideia de que o jornalismo deveria estar alicerçado na investigação aguda da realidade. Em crônica de 1976, João Antônio afirma: “acho, sim, que os meios de obter informação, de ir lá, revirar a lata do lixo que é a nossa sociedade, este sim, pode ser um procedimento jornalístico (desde que em suficiente profundidade). Mas os meios de fazer, não podem parar na técnica jornalística” (apud CORAÇÃO, 2009: 49). Com a aproximação do texto de jornal à peça ficcional, publicada no livro *Abrçado ao Meu Rancor* (1986), vem à tona o trabalho do escritor, “empurrado pelo entusiasmo de amigos aqui, ali, na Holanda, em Berlim” (SILVEIRA, 1986: n.p.), lutando contra a insatisfação, em busca do livro feito aos poucos.

A viagem de João Antônio à Holanda está diretamente ligada ao trabalho da portuguesa Cremilda de Araújo Medina, que desenvolveu projeto literário de memória a partir de escritores portugueses e brasileiros contemporâneos, enquanto trabalhou como jornalista de *O Estado de São Paulo*, na cidade de São Paulo. De acordo com Medina, “o ato culminante desta trajetória de trocas culturais foi o lançamento do livro ‘Escritor brasileiro hoje – a posse da terra’, edição da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, de Lisboa, que reúne notas biobibliográficas, perfis e fragmentos das obras de 54 ficcionistas e poetas”, em abril de 1985, na capital portuguesa (MEDINA, 1985: 12). João Antônio esteve entre os 12 autores brasileiros que confirmaram a dupla via de entrelaçamento das duas literaturas.

De Lisboa, onde participou da cerimônia de lançamento do livro *A Posse da Terra*, João Antônio seguiu para as cidades do Porto e Coimbra, a fim de realizar conferências em universidades e centros culturais (MENEZES, 1985b: 6). Na entrevista com Nevinha Pinheiro, o escritor acrescenta a passagem por outra cidade portuguesa: Évora, “onde encontrei o Ivan Ângelo, com o qual bati um papo que entrou pela madrugada adentro. Ser humano extraordinário ele é” (PINHEIRO, 1985: n.p.). O périplo pelo interior de Portugal teve um registro em cartão-postal endereçado a sua madrinha, em maio de 1985. João Antônio esteve por 15 dias em Portugal, seguindo depois para a Holanda. Diversas informações de viagem estão consignadas na coleção

de cartões-postais do escritor à família, enviados de lugares visitados a trabalho, contendo o que a professora e pesquisadora Renata Moraes denomina de minicrônicas (MORAES, 2018: 213). O estudo das rotas extraliterárias, nesse sentido, contribui para o aparecimento dos rastros da experiência de viagem do escritor.

Junto à apresentação que faz do escritor, Cremilda Medina inclui o texto “Mariazinha Tiro a Esmo”. Transcrito na íntegra, o conto se torna um caminho para a descoberta da obra de João Antônio por leitores europeus de língua portuguesa. A jornalista destaca a biografia do escritor com a perspectiva crítica de Nilo Scalzo, que observa a identificação do autor com o mundo que retrata: “esta identificação se faz justamente no plano da linguagem popular cujas formas peculiares o escritor assimila e amplia, dando-lhes novas conotações e tornando-as mais ricas em sugestões” (MEDINA, 1985: 269). João Antônio retornou aos pingentes mais de uma vez, tanto nas duas crônicas intituladas “Pingentes”, publicadas em *Malhação do Judas Carioca* (1975b) e *Dama do Encantado* (1996b), como em várias entrevistas, dando “voz a quem não tem nenhuma no mundo brasileiro de hoje: pivetes, marginalizados, gente sem eira nem beira” (FREITAS FILHO, 1980: 58). O pingente desenvolve uma técnica de sobrevivência que é uma arte.

Ao figurar na antologia portuguesa, o texto “Mariazinha Tiro a Esmo” reaparece pela terceira vez em livro, considerando a estreia em *Malhação do Judas Carioca* (1975b) e a republicação na parte final de *Ô Copacabana* (1978), entre as crônicas do cotidiano que envolvem o bairro carioca. O texto não se nivela, dentro do conceito estritamente literário, aos contos “Malagueta, Perus e Bacanaço” e “Leão-de-chácara”, mas “guarda o seu valor próprio, particularmente porque nos revela, por inteiro, a maneira como o autor observa e retrata a vasta galeria de criaturas humanas e a vida sofrida, angustiada e até com instantes fugazes de felicidade” (CARNEIRO, 1976: 2). Na Copacabana literária de João Antônio, desfilam e adquirem vida “gente que pode atender pelo nome de Elzinha Prejudicada ou Mariazinha Tiro a Esmo, esta uma marginal de 14 anos” (SANT’ANNA, 2001: 170). Como se mostra página antológica, uma década depois volta a ser mais uma vez publicado junto aos escritos que compõem *Sete Vezes Rua* (1996a), numa reunião temática organizada pelo escritor.

Mariazinha vive entre a cidade e o morro, transitando por espaços onde circulam malandros, camelôs, domésticas, guarda-vidas, leões-de chácara e outros tipos da sociedade carioca. Comporta-se de maneira diferente frente a um ou outro grupo social. Moça branca, esguia, bronzada, umbigo à mostra na mini blusa, parece ter dezenove anos, mas tem bem menos. É intransigente com as leis e a ética da malandragem, pois tem picardia para lidar com a marginalidade e com os desafios da rua. Sobrevive na beirada do crime, administrando crianças pequenas – inclusive uma garotinha de nove anos, na venda de pequenos objetos nas ruas da cidade.

Após quinze dias em Portugal, o escritor João Antônio segue para a Holanda, rumo a um encontro acadêmico com o brasilianista Ruud Ploegmakers, cujo trabalho apresenta uma leitura do conto “Afinação da arte de chutar tampinhas”, trabalho de licenciatura apresentado junto ao Spaasortugees en Ibero-amerikaas Instituut Rijksuniversiteit, da Universidade Real de Utrecht (JOÃO, 1985a: 14). Na ocasião, João Antônio profere uma conferência:

Fiz conferências em Utrecht, universidade holandesa que tem 1200 anos e onde foi defendida – pelo professor Ruud Ploegmakers – uma tese sobre minha obra literária com o título de *Frescuras do Coração* (A melancolia nos contos do submundo de João Antônio). Falei sobre meu processo criativo e também sobre a essência da vida no Brasil, entre o povo brasileiro (PINHEIRO, 1985: n.p.).

Escrito em língua portuguesa, o trabalho do professor holandês foi publicado no Suplemento Literário do jornal *Minas Gerais*, em maio de 1985 (PLOEGMAKERS, 1985). Ploegmakers estuda o conto, do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), considerando que nele há uma chave para a compreensão da poética do escritor.

Ainda na Holanda, João Antônio se encontra com o professor August Willemsen, da Universidade de Amsterdam, à época, chefe do Instituto de Estudos Luso-brasileiros. No registro desse encontro, João Antônio destaca a importância do trabalho de tradutor realizado pelo acadêmico: “escutei o professor Willemsen, intelectual brilhante e tradutor de Machado de Assis, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral, Dalton Trevisan, e que já viveu no Brasil” (PINHEIRO, 1985: n.p.). A partir dos anos 1960, Willemsen esteve no Brasil diversas vezes, inicialmente para se especializar na literatura brasileira, conforme registra por ocasião de uma palestra na Universidade de Santa Catarina (WILLEMSSEN, 1986: 56).

O encontro com intelectuais holandeses e estudantes leva João Antônio a um sentimento de choque cultural, pois se sentia falando sobre um outro mundo.

No encontro com universitários, percebe a surpresa com que recebem sua palestra: “Quando eu disse que só no Rio de Janeiro temos mais de trezentas favelas e que só na nossa favela da Rocinha moram mais de duzentas e cinquenta mil famílias, os universitários de Utrecht não quiseram acreditar” (PINHEIRO, 1985: n.p.). O próprio escritor, contudo, teve seu momento de surpresa quando, ao passar por Amsterdam, encontrou nas livrarias traduções de quatro romances de Machado de Assis. “Todas elas recentíssimas” (COM..., 1985: 45). Na década de 1980, August Willemsen traduziu diversos livros de Machado de Assis: *Posthume herinneringen van Brás Cubas* (De Arbeiderspers, 1983), *Quincas Borba* (De Arbeiderspers, 1984), *Dom Casmurro* (De Arbeiderspers, 1985) e *De psychiater* (De Arbeiderspers, 1984), uma antologia de contos (COSTA, 2008: 197). É possível que João Antônio esteja se referindo a essas traduções de Willemsen, englobando-as na expressão quatro romances, quando são três romances e uma antologia de contos, incluindo o *Alienista*”.

De Amsterdam, João Antônio recolhe elementos para uma poética mais ampla do que um simples retrato imaginário da malandragem do eixo Rio-São Paulo, conforme observa Ligia Chiappini. Ampliada geograficamente, sua andança extrapola o mapa das metrópoles brasileiras:

Além de geográfica, social, cultural e temática, a amplitude da obra é, sobretudo, uma amplitude simbólica que aprofunda a crítica à modernização à custa de exclusão, o que serve para as periferias das cidades brasileiras e para outras que o escritor conheceu no primeiro mundo, como fica evidente no conto ‘Amsterdam, ai’ (CHIAPPINI, 2000: 159).

A experiência de viagem, portanto, resulta na escrita de um texto que imprime as marcas literárias ao olhar de viajante. No conto “Amsterdam, ai”, ele recorre à enumeração e longas descrições de lugares e situações vistos através da andança, constante narrativa com que demarca espaços da cidade e dilui a periferia em toda parte. Fábio Lucas anota que quando o narrador se situa “na Holanda, investe-se do ponto de vista do estrangeiro. O narrador procura na famosa cidade as personagens confinadas do submundo. E, entre espantos e novidades, descobre o Brasil, sua pátria” (LUCAS, 1987: 138).

A personagem sai do quarto direto para a rua, onde encontra uma senhora, a quem dá um cumprimento. Caminha pelo bairro: “como todos os dias, envieso pela direita, tomando a calçada estreita e úmida, me esgueirando junto às paredes” (ANTÔNIO, 1986: 184). “Amsterdam, ai” descreve arquitetura, música, flores, comércio, enfim, fala sobre as mulheres e as belezas da cidade. De onde se encontra, o narrador repara na movimentação de mulheres e no comércio do corpo do bairro das lanternas vermelhas. E já instaura uma fronteira entre o real e ficcional, desde o nome da cidade: “é onomatopaico, teu nome. Amsterdam, Amsterdam, ô inesquecível, já começa nome soando como batida de sino. Sua bonita” (Idem: 185). O conto, publicado em livro de 1986, guarda fragmentos da entrevista concedida a Nevinha Pinheiro, como as expressões que foram recolhidas das ruas enquanto circulava pela cidade.

Há duas passagens do conto que podem ilustrar o amálgama entre a matéria de jornal e a ficção. Na primeira, com o estilo dinâmico e entrecortado, João Antônio introduz uma marca histórica da viagem, interligando o lugar a outras duas paisagens vistas em Portugal e na Alemanha: “há um bom gosto raro, colorido, fotográfico, inovador, fino no erotismo que berra nas lojas vendedoras de cartões-postais – os alemães e os portugueses, para dar dois exemplos, não chegam a esse alcance e a esse naipe de picardia” (ANTÔNIO, 1986: 199). Na segunda passagem, examina a frase “Você pode se sentar porque eu ainda tenho muita saúde para que você viaje sentado” (Idem: 202), que lê inscrita no cartaz dentro do bonde, a partir de uma perspectiva de viajante. Na matéria de jornal, antes de anotar a frase, ele compara o lugar de origem com o lugar onde se encontra: “aquele mundo lá é tão estruturado que dificilmente ele chegará ao nível de desrespeito pelo cidadão que temos aqui” (PINHEIRO, 1985: n.p.).

Da Holanda, João Antônio segue para a Alemanha, a convite de professores e de sua agente literária. No texto “João Antônio em Berlim”, escrito para uma publicação póstuma dedicada ao escritor, Ellen Spielmann recupera a memória da segunda viagem do escritor à Alemanha, ocorrida no período entre 1987 e 1988. A professora alemã, no entanto, menciona *en passant* a primeira viagem ao país, em comentário que indica o caminho a seguir para a reconstituição dos dias e encontros alemães.

Contar que, em 1985, na sua primeira estada em Berlim, depois de um encontro no Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim – leitura e debate – e depois de ter tomado o chope obrigatório, no carro eu dei carona para ele e só consegui encontrar a rua certa em Lichterfelde com ajuda do guia da cidade (SPIELMANN, 1999: 72).

João Antônio esteve em Berlim e outras seis cidades alemãs, levado pela tradutora e agente literária Ray-Güde Mertin, para participar de leituras e debates de seus contos. O texto era inicialmente lido em português, depois em alemão, seguindo-se o debate. Sobre esta experiência, o escritor relata: “apesar de não entender o alemão, pude perceber o quanto o texto é universal, especialmente em Colônia, onde meu conto foi lido por um ator profissional. Senti entusiasmo tanto em sua dicção quanto na reação do público” (JOÃO, 1985b: B-1). Das andanças por Bielefeld, Colônia, Frankfurt, Heidelberg, Erlangen, Munique e Berlim, João Antônio apresenta alguns relatos que realçam o interesse por sua presença e obra literária, levando-o a comentar a recepção que teve em visitas e palestras (PINHEIRO, 1985: n.p.). Não menciona as distâncias entre as cidades, tampouco registra o fato histórico de estar viajando por um país dividido pelo Muro, dividindo as pessoas. Na passagem por estas cidades, corria a dois ou três lugares: teatros, livrarias, bibliotecas, universidades e centros culturais. Como algo que se destaca do fluxo ininterrupto da vida, esses relatos ficaram como rastro duradouro da viagem.

João Antônio proferiu conferência no Instituto de Estudos Latino-Americanos, da Universidade Livre de Berlim, estando acompanhado do crítico e professor Berthold Zilly. Na ocasião, o sociólogo brasileiro Carlos Azevedo, vinculado ao Instituto, participou como intérprete e mediador. Em depoimento posterior, Azevedo recorda que na década de 1980 conviveu com João Antônio em Berlim, em plena Guerra Fria. Das recordações guardadas, destaca a do carioca nascido em São Paulo que não se adaptou ao frio (AZEVEDO, 2000: 201).

Na cidade de Munique, João Antônio encontra o escritor e tradutor Curt Meyer-Clason, que desempenhou o papel de intérprete da conferência proferida na Universidade. Pioneiro na tradução para o alemão de escritores brasileiros, Clason havia traduzido um conto do escritor em 1967. Em carta de maio de 1972, João Antônio enviara ao amigo Caio Porfírio Carneiro uma síntese curricular em que mencionava esta tradução alemã de “Meninão do Caixote” [Der grosse Kleine mit der kleinen Kiste],

na Alemanha Ocidental (ANTÔNIO, 2004: 44). Por certo, o encontro com o tradutor e o público ouvinte do conto dão sentido à afirmação de que a viagem mexeu fundo com sua cabeça (JOÃO, 1985b: B-1). Foi uma grande emoção, afirma João Antônio.

Quando terminei a conferência para um auditório de 200 pessoas escutei um barulho e estranhei: os estudantes batiam com os nós dos dedos nas carteiras. Perguntei ao professor Curt Meyer-Clason e ele me explicou: ‘você está sendo aplaudido’. Depois, quando saímos, ele me falou: ‘Um homem com a sua visão política não pode deixar de visitar Berlim Oriental’. Atravessei o muro... também um outro mundo. Grandes teatros, praças lindas, lagos magníficos (PINHEIRO, 1985: n.p.).

João Antônio arquivou uma folha, em papel timbrado, da tradutora Ray-Güde Mertin, com a clipagem de dois periódicos impressos de Frankfurt.³ O jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung* noticia a noite do autor brasileiro, em 22 de maio de 1985, a acontecer na Biblioteca Pública, em Frankfurt, organizada pelo Centro Teo Ferrer de Mesquita e a Sociedade de Apoio à Literatura da África, Ásia e América Latina, com tradução e moderação da dr. Ray-Güde Mertin. A mesma notícia circula por outro jornal, o *Frankfurter Stadtrundschau*, com pequena diferença de redação e, neste caso, sem mencionar a mediação da tradutora. A considerar que a dinâmica de leitura e debate com o público aconteceu nessa noite e nessa cidade, embora os papéis de arquivo pesquisados não deixem outros rastros, a carta de João Antônio endereçada a Fábio Lucas, anos depois, abre um campo de associação que parece frutífero. Na carta, ele se refere a uma estudante da cidade que escreve sobre sua obra: “Envio-lhe agora este ‘A sua Arte não Permite Dois Amores’, escrito em português pela estudante Michaela Krause, de Frankfurt, como resultado de um seminário dado sobre meus livros” (ANTÔNIO, 2004: 119). Ele ainda desdobra considerações sobre a importância de sua literatura na Alemanha.

À cidade de Colônia, por onde João Antônio passou, se ligam notas de pesquisa esparsas, que confluem em torno da viagem do escritor. A primeira nota se relaciona com encontro promovido pelo Departamento Cultural de Colônia, do escritor brasileiro com estudantes universitários que leram e debateram o conto “Meninão do Caixote”. Ele teve como intérprete o Dr. Horst Nitschack, que antes preparou a leitura com os universitários, destacando a figura da mãe, personagem bastante discutida

³ Os textos alemães da clipagem foram traduzidos por João Claudio Arendt, professor-doutor da Universidade Federal do Espírito Santo.

(PINHEIRO, 1985: n.p.). Outra nota refere a tradução do livro *Casa de Loucos* (1976) para o alemão, feita por Karin Schweder Schreiner, com o título de *Irrenhaus*, publicada pelo selo editorial Verlag Keysenheuer & Witsch, de Köln, em 1982. A notícia é dada por um paratexto do livro *Abraçado ao Meu Rancor* (ANTÔNIO, 1986: 243). E, por último, a nota sobre a tese de doutorado de Ray-Güde Mertin, defendida na Universidade de Colônia, em 1978, sobre o dramaturgo, romancista e poeta Ariano Suassuna (CHIAPPINI et al, 2000: 374).

Os relatos de viagem apresentados reconstituem parcialmente o giro europeu, já que não cobrem a totalidade de lugares anunciados pelo escritor na entrevista concedida para Nevinha Pinheiro, deixando de fora algumas cidades por onde João Antônio esteve como escritor brasileiro. Nesse sentido, a ideia de ordenação como qualidade da narrativa não opera satisfatoriamente “na construção de algo que como tal não existe em outra parte fora do relato” (ARFUCH, 2009: 117). Todavia, o que aparece em alguns relatos possibilita realçar minúcias no conto, entrever rastros deixados de texturas vivenciais no corpo da escrita ficcional.

Passam do relato de viagem para a fatura literária, as marcações de tempo, de lugares geográficos e de signos culturais europeus. A considerar esses três marcadores, João Antônio refere-se a Amsterdam como cidade-mulher, “acarinhada neste maio, já cedo com seus barcos e seus marrecos entre as águas dos canais, linda” (ANTÔNIO, 1986: 185). Em maio, ele transita por Amsterdam, antes de ir às cidades da Alemanha, de onde finalmente retorna ao Brasil em meados de junho de 1985: “No mês passado, depois de dar conferências sobre literatura brasileira em sete cidades da Alemanha Ocidental, o escritor carioca João Antônio, 48 anos, desembarcou no Rio” (COM..., 1985: 45). A cidade renitente que virou título do conto ainda fornece um limiar: “um caso à parte na Holanda, é louca, poética e amante, não é Holanda, é Amsterdam, a especial, tanto quanto Berlim não comunista é um caso na Alemanha Ocidental” (ANTÔNIO, 1986: 190). O que ele contrasta entre os países aparecerá ainda uma vez em outra passagem.

As rotas de viagem destacam a marcação de lugar, enlaçadas em signos culturais diversos, dando ênfase para a diferença entre os locais. Outro contraste desponta com “um caso à parte na Alemanha Ocidental, avidamente procurada pelos pirados,

perplexos, rebeldes com e sem causa, Berlim ocidental e suas tensões é Berlim e não Alemanha” (ANTÔNIO, 1986: 190). Para ficar no contraponto com a Alemanha, a tomada colorida da cidade de Amsterdam, com suas tulipas azuis, vermelhas e amarelas, contrasta com a tensão de Berlim. A elegância com que descreve o erotismo em Amsterdam sobressai em relação ao episódio do bordel em Frankfurt, lembrado por Odete na zona das lanternas vermelhas. Se as cidades se contrapõem, conforme a ficção de “Amsterdam, aí”, também se aproximam pela cinzência desses céus, rotina. A segunda viagem de João Antônio para a Europa virá dois anos depois. E, na ocasião, ele permanece a maior parte do tempo na Alemanha.

TRABALHOS CITADOS

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

ANTÔNIO, João. *Der grosse Kleine mit der kleinen Kiste*. Tradução de Curt Meyer-Clason. Herrenalb: Horst Erdmann Verlag, 1967.

ANTÔNIO, João. *Leão-de-chácara*: contos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975a.

ANTÔNIO, João. *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975b.

ANTÔNIO, João. *Casa de loucos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ANTÔNIO, João. *Ô Copacabana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ANTÔNIO, João. *Dedo-duro*. Rio de Janeiro: Record, 1982a.

ANTÔNIO, João. Irrenhaus. Tradução de Karin von Schweder-Schreiner. In: SCHREINER, Kay-Michael (Org.). *Zitonengras*. Colônia: Verlag Keysenheuer & Witsch, 1982b.

ANTÔNIO, João. *Meninão do caixote*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

ANTÔNIO, João. *Abrçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ANTÔNIO, João. *Sete vezes rua*. São Paulo: Scipione, 1996a.

ANTÔNIO, João. *Dama do encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996b.

ANTÔNIO, João. *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. Cotia/SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2004.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico na (re)configuração da subjetividade contemporânea. In: GALLE, H.; IZARRA, L.; KANZEPOLSKY, A.; OLMOS, A.C. *Em primeira pessoa*: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009. p. 113-121.

AUTORENABEND mit João Antônio. *Frankfurter Stadtrundschau*, Frankfurt, n.117, 22 mai. 1985.

AZEVEDO, Carlos. Copacabana: cinco da tarde, 39 graus. In: CHIAPPINI, L.; DIMAS, A; ZILLY, B. *Brasil, país do futuro?* São Paulo: Boitempo; Edusp, 2000. p. 201-202.

BRASILIANISCHER Autor in der Stadtbücherel. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, Frankfurt, n. 117, p.31, 22 mai. 1985.

CARNEIRO, Caio Porfírio. Malhação do Judas Carioca. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 2, 14 ago. 1976.

CHIAPPINI, Lígia. O Brasil de João Antônio e a sinuca dos pingentes. In: CHIAPPINI, L.; DIMAS, A; ZILLY, B. *Brasil, país do futuro?* São Paulo: Boitempo; Edusp, 2000. p. 156-172.

COM Sotaque alemão. *Istoé*, São Paulo, p. 45, 03 jul. 1985.

CORAÇÃO, Cláudio Rodrigues. *Repórter-cronista: jornalismo e literatura na interface de João Antônio e Lima Barreto*. Bauru, 2009. 200 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

COSTA, Walter Carlos. O Machado de Assis holandês de August Willemsen. In: GUERINI, A.; TORRES, M.-H. C.; COSTA, W.C. *Literatura traduzida e literatura nacional*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 195-204.

FREITAS FILHO, A.; HOLLANDA, H. B.; GONÇALVES, M.A. *Anos 70 – Literatura*. Rio de Janeiro: Europa-América, 1980.

GROPILLO, Ciléa. O que está para se editar. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. B-10, 1 jan. 1986.

GUIMARÃES, Marcia; CHEDIAK, J.; LIMA, C. E. C.; FILHO, N. B. João Antônio: precisamos acabar com o culto da pouca-vergonha. *Letras & Artes*, Rio de Janeiro, p. 4, jun. 1987.

JOÃO Antônio e suas viagens pelo Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 29, 26 jan. 1977.

JOÃO Antônio na Holanda. *Jornal da Cidade*, Bauru, p. 14, 5 mar. 1985a.

JOÃO Antônio descobre na Europa que os seus textos são universais. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. B-1, 18 set. 1985b.

LUCAS, Fábio. João Antônio. Abraçado ao meu rancor. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n.99, pp. 137-138, set./out. 1987.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *A posse da terra: o escritor brasileiro hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda; São Paulo: Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, 1985.

MENEZES, Carlos. João Antônio é tema de tese. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 6, 25 fev. 1985a.

MENEZES, Carlos. João Antônio, um giro europeu. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 6, 15 jul. 1985b.

MORAES, Renata Ribeiro de. Cartões-postais: rotas extraliterárias de João Antônio. In: ORNELLAS, C. A.; SILVA, J. C.B. da; MORAES, R. R. de. *80 Anos de João Antônio* [recurso eletrônico]. São Paulo: FFLCH/USP, 2018. p. 211-226.

NITSCHACK, Horst. *Incursiones en la literatura brasileña: de la colônia a la marginalidade*. Valparaíso: Ediciones Universitarias de Valparaíso, 2018.

PAES, José Paulo. Ilustração e defesa do rancor. In: PAES, J. P. *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 107-115.

PINHEIRO, Nevinha. A ostentação da burguesia é um acinte à miséria do povo. *Jornal do País*, Manaus, n.p., 11 a 17 jul. 1985.

PLOEGMAKERS, Ruud. “Frescuras do coração” (A melancolia nos contos do submundo de João Antônio). *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 971, p. 8-9, 11 maio 1985.

SANT’ANNA, Sérgio. O blábláblá da ratatuia. *Veja*, São Paulo, p. 170, 17 out. 2001.

SILVA, Júlio Cezar Bastoni da. *Literatura e experiência social no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

SILVEIRA, Joel. Vai-e-vem. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n.p., 19 out. 1986.

SPIELMANN, Ellen. João Antônio em Berlim. *Remate de Males*, Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, n. 19, Campinas, p. 71-79, 1999.

WILLEMSSEN, August. O autor da obra alheia. *Fragmentos/DLLE/UFSC*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 53-65, jan./jun. 1986.

Wagner Coriolano de Abreu é Mestre e Doutor em Letras, área de Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Licenciado em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Realizou Estágio pós-doutoral, área de Leitura e Processos Culturais, junto ao Programa de Doutorado em Letras - Associação Ampla Universidade de Caxias do Sul / Universidade Ritter dos Reis. Foi professor de Literatura nos Cursos de Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). É autor do livro *Quando o teatro encena a cadeia* (Editora Unisinos) e de capítulos de livros e artigos.

Artigo recebido em 18/06/2022.
06/2022.

Aprovado em